



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia comemorativa ao Dia Internacional da Biodiversidade em 2005
Palácio do Planalto, 20 de maio de 2005**

Meu caro José Alencar, vice-presidente da República e ministro da
Defesa,

Senhores embaixadores,

Meus companheiros ministros José Dirceu, Marina Silva, Eduardo
Campos, Ciro Gomes, José Fritsch,

Meu cargo governador do estado do Amapá, Valdez Góes,

Deputado Miguel de Souza,

Meu caro Carlos Alberto Richa, prefeito de Curitiba,

Senhor Claude Martin, presidente do Fundo Mundial da Natureza,

Meus caros amigos do Ibama, Marcos Barros,

Da Polícia Federal, Paulo Lacerda,

Do Exército, nosso comandante Albuquerque,

Eu penso que, hoje, nós já podemos respirar mais tranquilos, ao tomarmos medidas dessa natureza. Possivelmente alguém da Europa ou de outra parte do mundo, já desenvolvida, não sabe o quanto essas pessoas que estão aqui, grande parte delas e outras que não estão aqui, sofreram na pele por ousar falar a palavra biodiversidade há 20 anos atrás; ousar falar “defesa do ecossistema” há 20 anos atrás, ou ousar falar de criar reservas extrativistas ou parques neste país.

O tempo se encarregou de provar que, muito mais do que uma vontade de um ministro, de um governante, muito mais do que essa vontade pessoal, nós conseguimos transformar o cuidado com o meio ambiente, a preservação



da nossa água, das nossas florestas, dos nossos animais numa política de Estado.

É certo que, até consagrarmos tudo que estamos fazendo, leva tempo. E por levar tempo é que o Brasil se dá ao luxo de ter uma ministra da envergadura da companheira Marina.

Não sei se o nosso visitante ilustre, o senhor Martin, percebeu a dificuldade da Marina se locomover ao palanque. Mas essa fragilidade da Marina, que não é de hoje, ela sempre foi assim, não permite que essa moça fraqueje um segundo na defesa das coisas que ela acredita que devem ser feitas neste país.

Ela – eu nem comi pipoca e estou assim* – tem sido a própria cara do que nós estamos tentando imprimir no nosso país, ou seja, quando a gente fala em preservação ambiental, em meio ambiente, biodiversidade, ecossistema, a gente não tem que olhar para outra coisa a não ser para a cara da nossa ministra, porque ela representa exatamente a síntese daquilo que as melhores almas do mundo fazem em busca da proteção do planeta.

Eu estou dizendo isso porque essa área de meio ambiente é uma área muito criticada às vezes. No Brasil, a coisa mais fácil do mundo é alguém jogar a culpa em cima de uma coisa que não é feita por causa do Ibama ou do Ministério do Meio Ambiente, sem as pessoas se darem conta de que o Ministério do Meio Ambiente e o Ibama têm que cumprir a legislação existente, feita democraticamente pelo Congresso Nacional.

Mas o simples cumprimento da lei, muitas vezes, deixa as pessoas indignadas, porque alguns, se pudessem, desmatavam tudo; alguns se esquecem de olhar para as grandes regiões metropolitanas que já estão totalmente degradadas, por irresponsabilidade, há 50 anos, há 40 anos, e mesmo assim algumas pessoas resistem a que as coisas aconteçam da melhor forma possível, onde as pessoas possam cortar uma árvore para fazer um

* Presidente faz brincadeira após tossir durante o discurso



móvel, mas que isso seja dentro de critérios, de regras estabelecidas, de um processo de manejo.

Alguns são vorazes, eles, se pudessem, derrubavam tudo com trator ou com motosserra. Se pudessem poluíam todas as águas, porque alguns, por ignorância, acham que são infindáveis os bens que a natureza nos deu. E a companheira Marina, dentro do governo, conseguiu uma proeza com esse jeito dela se comportar.

Primeiro, ela conseguiu interagir com uma quantidade de ministros, às vezes 12, às vezes 13 ministros, para que as coisas aconteçam desde o seu nascedouro da melhor forma possível. Se a gente tiver que discutir quando um projeto tiver pronto, por que não começar a discutir na hora de começar a fazer o projeto? É mais difícil, demora mais, mas é mais eficaz, é mais produtivo do ponto de vista do resultado final, e isso só é possível porque nós temos o privilégio de ter uma ministra do porte da companheira Marina.

Talvez se fosse uma pessoa que não tivesse nascido num seringal, que não tivesse morado até 16 anos no meio do mato, analfabeta, sem perspectiva de vida, se não conhecesse profundamente a luta estabelecida no estado do Acre pelo nosso companheiro Chico Mendes, possivelmente, se não conhecesse tudo isso, talvez ela não tivesse essa leveza de procedimento, essa paciência que ela tem para fazer com que as coisas aconteçam.

A Marina causou medo quando eu a escolhi para ministra, porque achavam que eu ia colocar como ministra uma pessoa que não ia deixar acontecer mais nada neste país. O “não acontecer” neste país é as pessoas quererem que o governo autorize a se fazer as coisas que são ilegais.

Eu me lembro que a Marina usou uma frase, logo no início do governo: “nós queremos mudar a cara do Ministério do Meio Ambiente, a cara do Ibama, que ao invés de ser o ministério proibitivo, ao invés de ser um organismo apenas para dizer não, nós vamos mudar a sua cara para dizer o como fazer, como fazer corretamente”. É assim que nós construímos projetos



extraordinários, é assim que estamos discutindo a revitalização do rio São Francisco, conjuntamente, com os ministros todos envolvidos, discutindo, todo mundo respeitando a visão do outro. E nós conseguimos, em tão curto prazo, elaborar um projeto que muitos levaram anos e anos e não conseguiram fazer.

Esse é o enfrentamento, meu caro Martin, e nós vamos fazê-lo 24 horas por dia, durante todo o tempo em que nós estivermos à frente do governo, porque nós achamos que o Brasil tem condições de fazer muito mais do que está fazendo, o Brasil, cada vez que a gente tenta demarcar uma terra indígena, tem uma parte que abre guerra e costuma dizer: não, mas isso é maior do que a Suíça, é maior do que a Holanda. Nós não temos culpa de ser maiores do que a Suíça, do que a Holanda. Se nós fôssemos do tamanho da Holanda, possivelmente a demarcação seria pequenininha. Mas quando as pessoas reclamam que nós homologamos Raposa Serra do Sol de forma contínua, e falam em quase dois milhões de hectares de terra, as pessoas se esquecem que os intrusos não são os índios que estão lá, mas que fomos nós que, em 1500, chegamos aqui e tomamos os oito milhões e meio de quilômetros quadrados deles. O que nós estamos tentando fazer é apenas reparar os prejuízos que se cometeu ao longo de séculos neste país.

Da mesma forma que, quando adotamos uma política para cuidar dos quilombos, por mais que a gente faça, a gente não vai conseguir rever, pagar o que se fez durante 300 anos com os escravos no Brasil. Mas isso não impede que a gente aproveite os poucos remanescentes que existem em áreas normalmente muito distantes dos centros urbanos e consigamos consolidar, para que essas pessoas tenham, no mínimo, a escritura do pedaço de terra em que eles moraram, às vezes famílias morando há mais de cem anos no mesmo local.

E quando nós estamos aqui, discutindo o Dia Mundial da Biodiversidade, eu quero dizer a todos vocês que, o que nós estamos fazendo é, possivelmente, o maior processo de se tomar conta deste país que já foi feito



em tão pouco tempo. Ainda tem muito por fazer, porque não temos o controle, nem a Polícia Federal, nem o Ibama, nem o Exército tem o controle de todo o descaso que, muitas vezes, alguns praticam, mas que estamos aperfeiçoando, estamos nos educando, estamos nos preparando para que a gente tenha instrumentos, cada vez mais eficazes, para que a gente possa, não apenas ser visto pelo mundo, mas para que a gente possa ter a nossa auto-estima valorizada, porque conseguimos fazer aquilo que os nossos filhos e os nossos netos um dia irão nos agradecer.

Eu, quando passo no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Minas Gerais, num córrego totalmente poluído, eu fico pensando se, há 50 anos atrás, tivéssemos a consciência que temos hoje, ao invés de estar passando dejetos naquela água, teria alguém pescando, como a gente vê nos grandes centros desenvolvidos e nos países ricos. Nós ainda vamos chegar lá. A sociedade vai evoluindo, os defensores do meio ambiente já não são mais tratados como minoria sectária ou radical, já não são estudantes.

Hoje, quando nós chegamos em casa, os nossos filhos nos cobram procedimentos, ações. E eu acho que isso vai evoluindo muito mais rápido do que a gente pensa.

Portanto, eu quero terminar dizendo que feliz o país que tem a floresta que nós temos. Feliz o país que tem a água que nós temos. Mas muito mais feliz é o país que tem uma ministra como a Marina para tomar conta de tudo isso.

Muito obrigado, Marina, e meus parabéns.